

# A formação da pessoa na educação Tentehar

## *The Formation of the Person in Tentehar Education*

Maria José Ribeiro de Sá<sup>1</sup>  
Maria da Conceição de Almeida<sup>2</sup>

DOI: 10.20435/tellus.v23i50.858

**Resumo:** A iconografia apresenta uma descrição de momentos significativos da formação da pessoa na educação ancestral Tentehar. O texto resulta de vivências em rituais, atividades de extensão, pesquisas e colaborações com o povo Tentehar (Guajajara) da Terra Indígena Arariboia no estado do Maranhão nos últimos sete anos. Os trabalhos foram financiados pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Maranhão (FAPEMA) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Na cultura Tentehar narrativas míticas experienciadas em rituais transmitem valores que educam em sua cosmologia. Nessa cultura, os anciões, avós, mestres cantores carregam em suas memórias crenças, conhecimentos, sabedorias compartilhadas entre diferentes gerações. Eles conduzem os rituais da infância e da puberdade, que ano após anos se repetem, para formar e reativar na memória individual e coletiva seus valores primordiais. O cuidado com a vida das novas gerações e, dos diferentes seres, orienta o processo formativo em seus rituais.

**Palavras-chave:** educação; povo Tentehar (guajajara); rituais de origem; complexidade.

**Abstract:** The iconography presents a description of significant moments in the formation of the person in the Tentehar ancestral education. The text results from experiences in rituals, extension activities, research and collaborations with the Tentehar people (Guajajara) of the Arariboia Indigenous Land in the state of Maranhão over the past seven years. The work was funded by the Maranhão Research Foundation (FAPEMA) and the National Council for Scientific and Technological Development (CNPQ). In Tentehar culture mythical narratives experienced in rituals transmit values that educate in their cosmology. In this culture, the ancients, grandmothers, and master singers carry in their memories beliefs, knowledge, and wisdoms shared between different generations. They conduct the rituals of childhood and puberty, which are repeated year after year, to form and reactivate in the individual and collective

---

<sup>1</sup> Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), Imperatriz, Maranhão, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.

memory their primordial values. The care for the life of the new generations and, of the different beings, guides the formative process in their rituals.

**Keywords:** education; Tentehar people (guajajara); origin rituals; complexity.

## 1 DISCUSSÃO

A educação na memória ancestral tentehar<sup>3</sup> começa cedo e se concretiza em diferentes momentos rituais de iniciação que este povo vivencia. Em tais celebrações que marcam ciclos e metamorfoses, ou seja, o fim e o início de uma nova fase de vida, as pessoas são incentivadas a “amadurecer sua personalidade e a aperfeiçoar suas qualidades” (UBBIALI, 1998, p. 38).

O primeiro ritual de iniciação acontece por volta dos nove meses de idade. É, quando a criança já consegue sentar-se e engatinhar sozinha, e poderá se alimentar de outros alimentos além do leite materno e mingaus. Para introdução de alimentos temperados e carne em sua dieta alimentar a criança é preparada previamente.

Os preparativos da celebração consistem em enfeites para ornamentação da criança Tentehar, alimentação específica e presentes. Antes do ritual, a avó materna e a mãe da criança providenciam os enfeites: plumas de gavião, tufinhos de penas de tucano e arara e instrumentos de trabalho conforme o sexo da criança, como o arco e a flecha para o menino e o manιά (rede) para a menina.

No dia marcado, por volta das seis horas da manhã, a avó passa a tintura preto azulada de jenipapo no corpo da criança, as plumas de gavião são postas na cabeça e tórax e as penas de arara ao redor da cabeça. Após ornamentação e com os presentes à mão, a criança é sentada numa esteira feita de tranças da palha de babaçu para receber bênçãos de saúde e proteção da avó. Os tupés com os bolinhos são colocados à frente da criança e distribuídos para familiares logo após a benção. A partir de então, a criança poderá se alimentar normalmente. Encerra-se, assim, o ritual (ZANNONI, 1999).

---

<sup>3</sup> Existe uma variação na escrita da palavra tentehar, na literatura existente é possível encontrar as grafias tenetehára, tenetehar, tenetehara, tentehara.

Fotografia 1 - Primeiro ritual da infância



Fonte: Acervo do prof. José Amorim F. Guajajara (2020).

Na sua filosofia ancestral indígena todos os membros da comunidade são corresponsáveis pela educação das crianças e jovens. Embora tal incumbência seja uma tarefa direta de seus pais e avós ela pode ser assumida por outra pessoa da aldeia caso necessário.

A primeira menstruação para as meninas, e a mudança de voz entre os meninos, anunciam a chegada da vida adulta. O momento exige das suas famílias maior atenção e cuidados com a saúde e a educação dos jovens, pois eles assumirão novos papéis sociais e responsabilidades. Afinal, aprender a conduzir a vida com suas próprias mãos, se tornar uma pessoa inteira é fundamental nessas sabedorias ancestrais. Pois “todos esses rituais são ritos mitológicos. Todos têm a ver com o novo papel que você passa a desempenhar, com o processo de atirar fora o que é velho para voltar com o novo, assumindo uma função responsável” (CAMPBELL, 1990, p. 25).

Na cosmovisão tentehar, logo após a sua menarca, que ocorre geralmente na idade de 10 a 12 anos, a menina-moça ficará encantada, ou seja, encontra-se

extremamente vulnerável à ação de espíritos. O período de encantamento, iniciado logo após a menstruação da menina, dura até a sua festa do moqueado. Desde então, a família dispensará cuidados especiais a fim de garantir para a nova mulher uma vida saudável e longa.

A menina-moça após a sua menstruação entrará em reclusão ou ficará presa na tocaia. Desde então, a atenção da família estará voltada para a formação da jovem mulher. Aos homens, pai e tios, por exemplo, compete à construção da tocaia, pequena casa construída de palhas/galhos de árvores, ou seja, a representação da itakuara (literalmente “buraco na pedra” caverna onde vivem os karuara (LARAIA, 2005, p. 9).

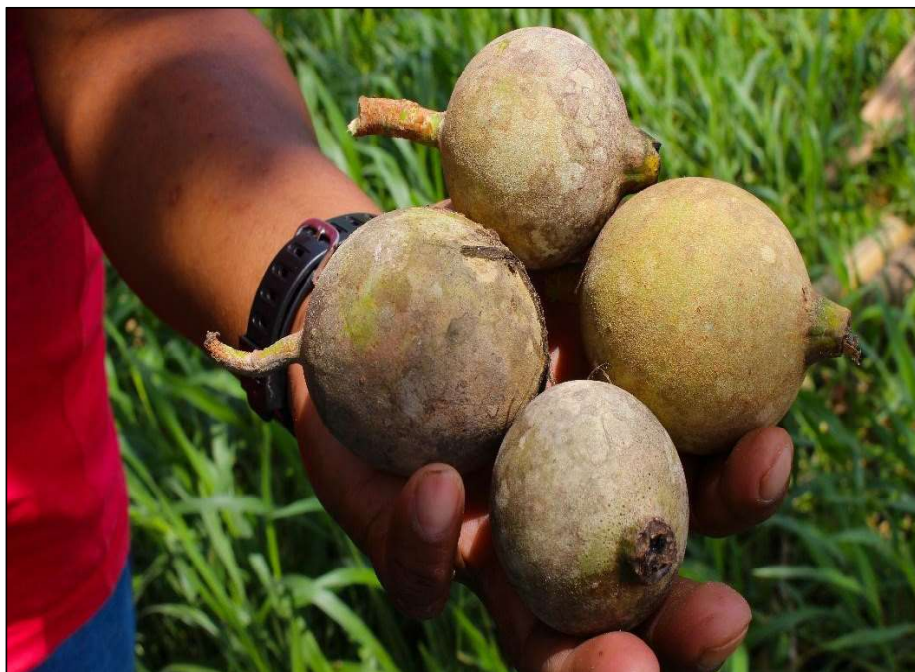
Fotografia 2 - Construção da tocaia por familiares



Fonte: Acervo do projeto Rituais Tentehar (2018).

Outros membros da família, por sua vez, providenciará a colheita de jenipapos para produção de uma tintura preta azulada que cobrirá todo o seu corpo. A avó materna é a pessoa responsável pela pintura. A mãe observa e acompanha, pois futuramente assumirá o papel de avó. A menina, como veio ao mundo, recebe um banho da tintura de jenipapo que vai dos pés à cabeça, uma pintura fechada. O jenipapo fecha o corpo-espírito da menina contra a interferência dos espíritos. Na sequência, toda a família também se pinta.

Fotografia 3 - Jenipapo



Fonte: Acervo do projeto Rituais Tentehar (2018).

Na tradição ancestral dos Tentehar a tintura do jenipapo, uma planta ao mesmo tempo medicinal e mágica, é usada para prevenção, proteção e cura de doenças físicas e espirituais. O jenipapo é uma espécie de cobertura protetora para o corpo, relatou o mestre de cantorias José Maria Paulino Guajajara: “[...] a criança pode usar porque sempre vai estar com saúde [...]. E tem um crescimento saudável. Se não usar jenipapo não vive com saúde. Jenipapo é só pra isso, pra gente viver com alegria e com saúde” (SÁ, 2014).

No oitavo dia, familiares e comunidade reunidos num pátio sob a voz de cantores tradicionais cantam e pulam<sup>4</sup> para anunciar a primeira saída da menina-moça da tocaia. Por volta das cinco horas da manhã a menina sairá da tocaia. Simbolicamente a tocaia representa o casulo, a crisálida, ou seja, um espaço de recolhimento de quem se prepara para um processo de transformação psicossocial. Afinal, ela despertará internamente para sua nova vida.

<sup>4</sup>O pular para os tentehar é o que nós concebemos por dançar.

Fotografia 4 - Noite de cantoria para a saída da menina-moça da tocaia



Fonte: Acervo do projeto Rituais Tentehar (2018).

Ao ar livre, um pouco distante da cantoria e da tocaia, sua avó lhe aguarda com um balde de água contendo folhas de mandioca ou mandiocaba, deixado na noite anterior no sereno. Porque “[...] lavar alguma coisa é um ritual de purificação atemporal. [...] Também significa o batismo, do latim empapar, impregnar com uma força e um mistério numinosos” (ESTÉS, 2018, p. 114). Trata-se de um processo de “lavagem das fibras do ser” (p. 78). No seu dia a dia a mulher precisa ter um espírito forte para resistir às dificuldades, aos perigos físicos e psíquicos existentes.

Fotografia 5 - A avó banha a neta às 5:00 horas da manhã



Fonte: Acervo do projeto Rituais Tentehar (2018).

Na pedagogia da ancestralidade indígena não se cuida apenas da casa física, mais inclusive da casa psíquica habitada por todos nós, pois na cosmovisão indígena não há separação entre corpo, mente e espírito, ressalta Daniel Munduruku (2010).

Depois de quinze dias, quando a tintura do jenipapo sumir completamente do corpo da menina, o ritual da mandiocaba inicia. Depois de colhido o tubérculo, a avó prepara o mingau da mandiocaba e os beijus<sup>5</sup>. O mingau de mandiocaba é preparado por pessoa que domine o seu preparo, pois fora do ponto é veneno. Enquanto, isso mãe e tias ralam e espremem a mandiocaba para que não falte, e preparam a tintura do jenipapo. As crianças ficam sempre em volta ao mesmo tempo brincando e observando o que acontece.

---

<sup>5</sup> No Maranhão denominamos por tapioca a goma do polvilho de mandioca, e chamamos de beiju o bolo preparado numa chapa quente.

Fotografia 6 - Preparo do caldo da mandiocaba



Fonte: Acervo do projeto Rituais Tentehar (2018).

É uma cerimônia mais restrita ao universo feminino e familiar. Logo após o preparo do mingau, a mãe ou a tia fará a decoração corporal da menina.

No meio do quintal em uma mesa panelas e pratos postos continham bolinhos (paçoca) da carne de caranguejo. Os bolinhos feitos da farinha de mandioca molhada são pisados com a carne de um caranguejo dulcícola de nome uhá.



Fotografia 7 - Caranguejo de água doce



Fonte: Acervo do projeto Rituais Tentehar (2018).

Quando o rito inicia a menina é posta de cócoras para seu órgão reprodutor possa absorver o vapor do caldo da mandiocaba por alguns minutos. Na sabedoria da tradição local, as comidas, bebidas e vapores mencionados combatem as doenças ginecológicas e odores indesejáveis do órgão reprodutor feminino e, combatem o envelhecimento precoce.

Fotografia 8 - Ritual da mandiocaba



Fonte: Acervo do projeto Rituais Tentehar (2018).

Uma grande celebração coletiva reúne as famílias das moças que menstruaram no período de um ano, é a festa do moqueado, última etapa do ritual da menina-moça. A festividade inicia com uma grande caçada coletiva. Já, no dia da festa as meninas serão ornadas.

Em cima de uma esteira de palha confeccionada para esse fim, a menina tem seu corpo despido para receber a tintura do jenipapo até a altura do pescoço. Com os cabelos presos recebe uma decoração facial e um corte de cabelo. Na frente é feita uma franja e atrás as pontas são retiradas, deixando o cabelo reto na frente e atrás.

Fotografia 9 - corte de cabelo da menina-moça



Fonte: Acervo do projeto Rituais Tentehar (2018).

Para finalizar a decoração, vestem um colar e uma longa saia vermelha. O vermelho, alaranjado ou amarelo vibrante simboliza o céu ao pôr do sol, nos informou o professor Toinho Guajajara. A finalização da decoração é feita com plumas de gavião real, fixadas com resina de almesca no peito e topo da cabeça, pois a planta confere proteção espiritual.

Fotografia 10 - Moças vestidas com a decoração do por sol



Fonte: Acervo do projeto Rituais Tentehar (2018).

O ritual da menina-moça demonstra a centralidade da mulher nessa cultura. Ele também nos remete ao culto do princípio feminino, da mulher geradora da vida (ESTÉS, 2018; CAMPBELL, 2015).

O ritual inicia com o pôr do sol, cantores com seus maracás, avós, familiares e amigos celebram com as meninas-moças durante toda a noite.

Fotografia 11 - A comunidade celebra vida das meninas-moças



Fonte: Acervo do projeto Rituais Tentehar (2018).

Por volta das 4 horas da manhã, as meninas levantam para receber a última decoração de cor branca. O branco preponderante em toda ornamentação está associado ao clarear do dia, explicou o cantor tradicional Toinho Guajajara, podendo simbolizar a renovação ou renascimento do novo dia surgindo no horizonte. É preciso renascer para a nova fase da vida.

Fotografia 12 - Decoração do amanhecer



Fonte: Acervo do projeto Rituais Tentehar (2018).

Após a finalização do último canto, de braços dados as moças aguardam a cerimônia de desencantamento. O mestre cantor abaixa-se perto de cada moça e, uma a uma, esfrega os pedaços da carne da ave desencantadora jaó, em suas articulações professando saúde. Desse momento em diante os resguardos alimentares cessam e ela já pode se alimentar normalmente.

Fotografia 13 – Desencantamento



Fonte: Acervo do projeto Rituais Tentehar (2018).

Após o desencantamento da moça o mestre, em pé, informa aos presentes que daquele momento em diante as moças são consideradas mulheres Tentehar. As novas mulheres se levantam, pegam os tupés e distribuem os bolinhos de carne moqueada para a comunidade.

## **2 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Um sistema complexo de saberes, formado por conhecimentos medicinais e espirituais, regras culturais e tabus alimentares compõem etapas da educação da pessoa Tentehar. Ao longo de sua existência, avós, mães, mestres de saberes ensinam e aprendem uma pedagogia do cuidado com a vida. Para os mestres anciões cumprir todos os resguardos e suas práticas ancestrais é condição para ter uma vida saudável e chegar à velhice.

Os rituais do celebrados pelo povo Tentehar são efetivos momentos educacionais na tradição. Revive-los ano após ano, é indispensável para esse povo continuar a imprimir na alma sua ancestralidade.

## REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. *As transformações do mito através do tempo*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*: Joseph Campbell. São Paulo: Palas Athena, 1990.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm como lobos*: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

LARAIA, Roque de Barros. *Religiões indígenas: o caso tupi-guarani*. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 6-13, set/nov. 2005.

MUNDURUKU, Daniel. *Mundurukando*. São Paulo: UK'A Editorial, 2010.

SÁ, Maria José Ribeiro de. *Saberes culturais Tentehar e educação escolar indígena na aldeia Juçaral*. 2014. 229 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade do Estado do Pará, Belém, 2014.

UBBIALI, Carlo. *O filho de Ma'ira*. Quito-Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 1998.

ZANNONI, Cláudio (Org.). *Conflito e coesão: o dinamismo tenetehara*. São Paulo: CPA Editora, 1999.

### Sobre as autoras:

**Maria José Ribeiro de Sá:** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Bacharel em Administração de Empresas pela UEMA. Pedagoga do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Maranhão, Campus de Imperatriz. Atua como chefe do Departamento de Ensino Superior e Tecnologia. Membro do grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM/NATAL), e do NEABI/IFMA. Membro titular do colegiado dos cursos de Licenciatura em Física, Ciência da Computação e Engenharia Civil. Colabora com a coordenação do projeto de extensão De Olho no Céu e Escola Ciências. Tem experiência em Educação e pesquisa principalmente nos seguintes temas: Saberes e Pedagogias Tentehar; Pedagogias Indígenas; Pensamento Indígena; Educação Escolar Indígena; Educação Intercultural e Educação Científica. **E-mail:** maria.sa@ifma.edu.br, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-9128-1466>



**Maria da Conceição de Almeida:** Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Antropóloga. Professora Titular do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Ciências Sociais da UFRN. Coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade – GRECOM. Membro da Association International pour la Pensée Complexe, Paris. Membro do Conselho Científico Internacional da Multiversidad Mundo Real Edgar Morin (Hermosillo – México). Membro do Conselho da Cátedra para la Transdisciplinaridad (Valladolid – Espanha). Coordenadora, pelo Grecom/UFRN, do primeiro ponto brasileiro da Cátedra Itinerante Unesco Edgar Morin – CIUEM, com sede em Buenos Aires, Argentina. **E-mail:** calmeida17@hotmail.com, **ORCID:** <http://orcid.org/0000-0003-1850-5288>.

Recebido em: 13/03/2022

Aprovado para publicação: 18/11/2022

